



A FOME: UMA ATMOSFERA DE ABANDONO E SOFRIMENTO

Luciana **BRITO**¹

Resumo: *A Fome* de Rodolfo Teófilo é um arquivo sobre o homem e o ambiente cearense, especialmente sobre os anos terríveis de fome e de migrações que destruíram a imagem da prosperidade que vinha sendo constituída desde os anos de 1860, causando diversos problemas sociais e favorecendo a construção de novos parâmetros de organização da sociedade cearense. A contemplação dos horrores da seca criou, em Rodolfo Teófilo, grande conhecedor de sua região e, principalmente, das ciências naturais e biológicas, o escritor. Na verdade, a grande seca, de 1877 a 1879, impressionaria toda uma geração de moços de classe média urbana cearense, explicando mais tarde o aparecimento da literatura das secas.

Palavras-chave: Literatura das secas; fome; migrações; problemas sociais.

No final do século XIX, depois de mais de 50 anos de progresso econômico e urbanístico, o que proporciona grandes transformações no espaço público e no modo de vida da população, a economia cearense entra em crise devido a uma série de acontecimentos: a queda do preço do algodão (o grande produto de exportação da região) pela concorrência norte-americana, a falta de capitais capazes de elevar a economia cearense ao plano industrial e, principalmente, a terrível seca de 1877 a 1879, que mata mais de cento e quarenta mil pessoas. Entre 1876 e 1877 as precipitações pluviométricas registraram apenas um terço das registradas entre 1845 e 1846. Dentre outros fatores que também destruíram a aparente estabilidade econômica e social de Fortaleza estava a migração maciça determinada pela seca, a descapitalização causada por empréstimos ruins, a desvalorização das colheitas, a depreciação do valor dos produtos e as tentativas do governo e das classes mais abastadas de controlar a camada pobre da sociedade, formada em sua maioria por retirantes.

Soma-se a esse cenário desolador as inúmeras mortes causadas pela febre amarela e a varíola. Várias cidades cearenses, no caso as mais povoadas, transformaram-se em cenários desoladores. Em cidades de reconhecida beleza

¹ Doutora em Letras pela UNESP/Campus de Assis. Docente e Diretora do Centro de Letras, Comunicação e Artes da UENP e Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEL.



arquitetônica como Sobral e Iço, por exemplo, inúmeras pessoas morreram vítimas da febre amarela. O mesmo ocorreu em Fortaleza, sede da província. Logo em seguida vem a varíola, que também mata muitos cearenses. Na época dos horrores da varíola, o Lazareto da Lagoa Funda, onde foi improvisado um precário hospital, estava com sua lotação máxima (PONTE, 2001). A cidade de Fortaleza chegou a suspender suas atividades cotidianas, assustada com a quantidade de mortos e doentes que desfilavam pelas ruas.

As ações governamentais eram demoradas e incipientes. Em certo momento da crise, o governo passa a ignorar os pedidos de socorro:

O governo, mal inspirado, recusou em fins de 1877 a enviar socorros para o interior. [...] O êxodo tornou-se geral. Para capital, Aracaty (sic), Sobral, Granja, Camocim e outros povoados do litoral afluíram milhares de pessoas. Em todos eles a população adventícia era tríplice, quádrupla, até decupla (sic) da estável e, como faltassem casas para acomodá-la, ficavam ao relento, debaixo das árvores ou amontoados em sítios estreitos. As conseqüências (sic) deste regime não tardaram; febres de mau caráter, varíola, prostituição, vadiagem e todos os seus conseqüências desenrolaram-se triste e dolorosamente. (POMPEU FILHO, 1893, p. 33)

Durante o final do século XIX, a intranquilidade torna-se inquietante do povo cearense. Vale dizer que os motivos para toda essa inquietação estavam também relacionados às transformações que ocorriam no cenário nacional: países, principalmente os de economia agrária, como é o caso do Brasil, estavam abalados pelo avanço incontido das tecnologias europeias que não respeitavam as diversidades culturais; as cidades cresciam de uma forma assustadora; aumentava o número de adeptos de ideologias revolucionárias; e o bem-estar social, por outro lado, não crescia. O Brasil, de certa forma, seguia os modelos tecnológicos e urbanísticos europeus, principalmente franceses, mas não copiava o exemplo infraestrutural e higienista. Sendo assim, as cidades cresciam de uma forma desordenada e a população, em geral, era vítima de inúmeras calamidades.

A Fortaleza que se modernizava não era para todos. Por isso, as classes mais abastadas logo cuidaram de “limpar” a cidade da presença incômoda daqueles que sujavam e enfeavam os lugares de “gente de bem”. Quem eram esses invasores? Os retirantes, os bêbados, as prostitutas, os pedintes, os lazarentos, os moleques de rua. Para eles foram construídos o Lazareto da Lagoa Funda, a Santa Casa da Misericórdia,



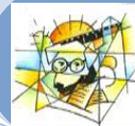
o Asilo de Alienados São Vicente de Paula, o Dispensário dos Pobres, o Asilo de Mendicidade para confinar os idosos e pobres e os abarracamentos para abrigar os retirantes da seca. Para os mais revoltados, penitenciárias (PONTE, 2001).

É nesse período de total instabilidade político-econômico-social na província, resultado da parada do rápido crescimento econômico, da seca e das doenças, que Rodolfo Teófilo escreve *A Fome*, romance que retrata os mais variados problemas sociais vividos pelos cearenses. Filho e neto de médicos, o que lhe daria certo apego à Ciência, Rodolfo Teófilo formou-se em Farmácia na Bahia, em 1875. Dois anos depois, em 1878, morando em Fortaleza, vê desfilar pelas ruas de sua botica famílias famintas e doentes. Sendo assim, começa a dedicar-se às vítimas da varíola à conta de que, somente em Fortaleza, o número de mortos chegaria a 35 mil em menos de três meses. Sem qualquer apoio do governo, percorria toda a cidade aplicando vacinas fabricadas por ele próprio. Gustavo Barroso, ao referir-se aos esforços de Rodolfo Teófilo durante a seca de 1888, afirma que:

Não fora a obra benemérita dum homem eficiente e caridoso, as bexigas se espalhariam em volta de Fortaleza, partindo daquele foco inextirpável como praga mortal. O escritor Rodolfo Teófilo, todas as manhãs, montado no seu cavaleiro branco, magro como D. Quixote e tão idealista como o herói de Cervantes, percorria as vielas dos morros do Moinho e do Croata, vacinando gratuitamente crianças e meninos (BARROSO, 1989, p. 182-3).

Professor de história natural, industrial, cientista, disseminador de vacina pela persuasão e sem obrigatoriedade, Rodolfo Teófilo foi eclético como a época em que viveu. Sendo assim, foi membro de agremiações literárias como a Padaria Espiritual e o Centro Literário e autor de estudos científicos e históricos, romances e poesias. É considerado um dos maiores representantes da literatura cearense do ciclo da seca. Todavia, seu nome não é muito comum nos manuais de História da Literatura Brasileira. Quando mencionado, na maioria das vezes, os críticos abordam apenas seus dados biográficos e mencionam os nomes de algumas de suas obras como representativas do naturalismo.

A produção literária de Rodolfo Teófilo apresenta grandes traços do naturalismo e das teorias positivista, determinista e evolucionista, todavia se podem entrever arroubos românticos, principalmente na construção de personagens grandiloquentes e de moral ilibada oriundos de uma visão maniqueísta e ingênua das



relações humanas.

Foi um dos escritores brasileiros que mais seguiu à risca os ditames de Émile Zola, no tocante a escrever lançando mão de termos científicos. Em *A Fome*, o autor recorreu a inúmeros vocábulos científicos, principalmente àqueles ligados à medicina, tanto para descrever as personagens quanto os ambientes, como é o caso do fragmento abaixo:

Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue, a abundância de leucócitos tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozes. A sistole e a diástole eram incompletas, acelerados os movimentos do motor da circulação, as válvulas funcionavam mal, deixavam refluir em parte a onda sanguínea, já bastante reduzida, determinando a anemia do cérebro [...] As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improficuo (sic) contra aquele estado fisiológico o maior asseio (TEÓFILO, 1979, p. 102-3).

Ao descrever clinicamente os sintomas dos males sofridos pelos retirantes fazendo uso de terminologias do jargão científico, Rodolfo Teófilo, grande conhecedor de sua região e, principalmente, das ciências naturais e biológicas, no desejo de exibir conhecimentos científicos, tornou seu estilo pesado e privou as suas personagens da vitalidade que possuíam. A escritora Lúcia Miguel Pereira (1957) considera gratuita essa preferência naturalista pelos “casos clínicos” por parte da literatura brasileira do final do século XIX. Inversamente, Flora Sussekind (1984) associa tais estudos ao desenvolvimento e à difusão da medicina no Brasil. Diz ela: “Num momento em que artigos de médicos ocupavam as páginas dos jornais, não é de espantar que as páginas dos romances também se deixem invadir por “temperamentos doentios”, médicos, diagnósticos e discussões sobre as causas e tratamentos apropriados para as doenças” (SUSSEKIND, 1984, p. 124).

A estudiosa Lúcia Miguel-Pereira, uma das poucas a escrever sobre o escritor cearense, não poupou adjetivos depreciativos para comentar sua obra. Ao analisar alguns dos seus livros diz que “Rodolfo Teófilo, encontrou no pedantismo o seu defeito dominante” (PEREIRA, 1957, p. 135). E continua dizendo “[...] o desejo de exibir conhecimentos científicos lhe tornou o estilo, já em si empedrado e baço, comicamente desajeitado para a ficção, e privou suas personagens da fraca vitalidade que possuíam” (PEREIRA, 1957, p. 135). Massaud Moisés, em *História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo*, classifica algumas cenas d'*A fome* de monótonas : “[...] E



porque monótono o espetáculo que oferece, desenrola-se à luz escaldante de cansativas repetições. Repetições de cenas horripilantes, onde o gosto duvidoso se casa a um verismo que se diria masoquista” (MOISÉS, 2001, p. 70).

Diferentemente, Otacílio Colares (1979) afirma que Teófilo é, indubitavelmente, o mais representativo escritor do Ceará de todos os tempos. Sua obra literária, que não é considerada modelo em parâmetros estilísticos, é, em compensação, do ponto de vista regional, sempre muito valorizada pela história e críticas literárias. O crítico José Aderaldo Castelo também tece elogios à obra do autor cearense, ao dizer que “[...] O primeiro nos dá um panorama dos efeitos da seca com *Luzia Homem*. Assim também Rodolfo Teófilo, porém mais completo e mais rico, ao focalizar desde a transumância desagregadora à emigração, dramatizando-a e acentuando situações macabras consequentes da fome em romances como *A Fome*, *Os Brilhantes*, *Maria Rita*, *O Paroara*” (CASTELO, 1999, p. 408). O crítico também fala da “grande contribuição” de Teófilo para a literatura regional, colocando-o ao lado de Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Araripe Júnior e Afonso Arinos (CASTELO, 1999, p. 406).

Seu romance inaugural, *A Fome*, é considerado o “primeiro romance formal da seca” por Décio Pacheco Silveira e Abelardo Montenegro. Para esse último “com Rodolfo Teófilo é que surge o romance da seca, de tendência social e moralizante. É o romance cearense em que, pela primeira vez, se combate a exploração do povo reduzido à maior pobreza pela calamidade” (MONTENEGRO, 1953, p. 22). Em seguida, acrescenta que “Pela primeira vez um romance se transmuta em instrumento de libertação de um povo” (MONTENEGRO, 1953, p. 22).

O romance é resultado de observações sobre as secas que assolam periodicamente o Ceará e os variados conflitos sociais ocorridos na província no final do século XIX. O autor procura focalizar, dentro da linha regionalista, a tragédia de uma família sertaneja assolada pela seca, ao mesmo tempo em que se serve do romance para lançar o seu protesto veemente contra a incúria do governo em relação às abandonadas populações sertanejas. Tal temática será retomada mais tarde por outros escritores brasileiros como é o caso, por exemplo, de Graciliano Ramos com seu romance *Vidas secas* que, publicado em 1938, tornou-se um clássico da literatura modernista, não só pela originalidade das soluções estilísticas e estruturais, como pela denúncia dos dramas dos sertanejos, a “civilização do couro”, assim chamada em função da aridez e da



esterilidade das grandes áreas do sertão brasileiro, bem como da situação humana dela decorrente.

A Fome inicia-se com a luta de Manuel Freitas e sua família para fugir das terras áridas do sertão. Freitas, fazendeiro abastado, entra em decadência devido à falta de chuvas. Desse modo, é obrigado, como várias pessoas da região, a partir para Fortaleza em busca de uma vida melhor. O caminho é árduo e a morte está espalhada por todo o trajeto. O narrador descreve, com uma enorme riqueza de detalhes, a fome sentida pelas personagens e os cadáveres encontrados durante a viagem. Além da fome, que não cessa quando os retirantes chegam à Fortaleza, eles também são obrigados a conviver com uma epidemia de varíola que ceifa a vida de várias pessoas na cidade.

Em *A Fome*, os personagens principais podem ser considerados, maniqueistamente, como “bons” e “maus”. Entre os bons estão Manuel de Freitas, descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, sua filha mais velha (15 anos), Carolina, e Edmundo da Silveira, que formam o par romântico. Este par reitera a pertinente observação de Sânzio de Azevedo (1982) sobre o realismo-naturalismo de Rodolfo Teófilo exercer-se mais pela apresentação de cenas rebarbativas e pela linguagem científica do que através dos enredos que, na maioria dos casos, são francamente românticos.

Manuel de Freitas, protagonista do livro, é uma espécie de herói, um sobrevivente, caracterizado sob a mais clara influência determinista. Possui “linhagem”, é forte, portanto irá vencer as agruras:

Manoel de Freitas é o seu nome. Descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, herdara do pai modesta fortuna e influência eleitoral na localidade. Sua educação havia sido completa para o tempo e estado do interior da província. Sabia as primeiras letras e um pouco de latim, língua esta com que os sertanejos ricos costumavam preñar seus filhos (TEÓFILO, 1979, p. 18).

A fibra, a força, a coragem, a honestidade, enfim, os valores arraigados no homem de origem distinta, segunda a visão determinista do momento, são elementos que fazem com que Freitas vença os desafios impostos pela fome e pela peste e consiga, ao final da narrativa, após testemunhar cenas escabrosas e expor, contra sua vontade, sua família às mais terríveis privações, vencer o meio em que se encontra.

No segundo grupo de personagens, encontra-se Simeão de Arruda, um funcionário público sem qualquer escrúpulo que tenta seduzir Carolina. Simeão deve



seu emprego, comissário distribuidor de socorros públicos, a uma nomeação política, como demonstra o fragmento abaixo:

O lugar era ambicionado como se fosse um rendoso emprego. As vagas eram preenchidas mais de acordo com os interesses da política, do que com a conveniência pública. O presidente da província tinha sempre uma lista de pretendentes a escolher. Falsos patriotas que, aparentando serviços à pátria, só visavam ao interesse pessoal (TEÓFILO, 1979, p. 97).

Para Arruda a corrupção era algo natural, o que influencia seu comportamento durante toda a obra, tornando-o promíscuo e amoral, como ocorre na cena em que oferece a Manuel de Freitas e sua família moradia e uma grande quantidade de alimentos, pensando em conquistar de forma imoral o coração da filha do fazendeiro. Essa mesma passagem da obra também demonstra como a distribuição de socorros do governo (alimento e moradia) era feita aleatoriamente, a partir dos interesses dos membros da esfera pública. Os programas públicos de socorros aos flagelados ficavam sob o domínio de determinados grupos influentes na região, para os usos que mais lhes convinham.

Há de entender-se que a crise das secas não é um problema exclusivamente proveniente da situação climática, mas também da inadimplência dos governantes, que ao longo dos ciclos climáticos, executam insuficientes projetos para solucionar essa problemática. Em *A Fome* ações dos socorros públicos eram insatisfatórias para atender as necessidades locais:

A turba dos famintos parou em frente à casa do vigário, que, embora fosse uma das habitações melhores da cidade, contudo, não se podia dizer confortável. Os retirantes fizeram alta e sentaram-se na rua esperando que se distribísse a ração. Eram já nove da manhã e a ração não chegava. Os famintos resignavam-se com a demora, porque não tinham forças para reagir. Gemiam, suspiravam, porém, não blasfemavam (TEÓFILO, 1979, p. 50-1).

Essa precariedade do espírito comunitário e a ausência de integração social deixaram mais saliente o estado de pauperismo e mendicância dos sertanejos, tornando-os flagelados das secas. À margem das instituições sociais, a relação entre os retirantes baseava-se em um individualismo grosseiro, atenuando a anomalia social persistente naquele local, o que é percebido na distribuição de alimentos:

A ração era ali mesmo devorada com uma esfomeação que comovia!



Muitos ingeriam com tal avidez que não davam tempo à saliva umedecer o bolo e engasgavam-se. Parte do bolo era rejeitado e saía pelo nariz e boca, misturando-se à areia. Avaros das migalhas caídas, apanhavam-nas de novo, cobertas de terra (TEÓFILO, 1979, p. 53).

Percebe-se nesse trecho da obra a insuficiência de distribuição de alimentos por parte dos órgãos públicos, que executavam suas ações de modo paliativo diante da calamidade. Essa prática foi adotada em função da concepção reinante entre os membros da administração pública, que consistia, e ainda consiste, na ideia de não executar grandes obras para solucionar a crise das secas.

Toda essa dramática luta pela sobrevivência e as insuficientes ações governamentais são decorrentes da implantação da “indústria das secas”, que se configura no combate às estiagens, ou a política de enfrentamento da crise climática, toda ela perpassada pelos interesses particulares, onde há a presença de ilícitas vantagens que certos grupos dominantes acabam obtendo à custa do sofrimento das vítimas das secas. A Fortaleza de *A Fome* é a cidade baseada na injustiça social, agravada pela imprevidência, inépcia e mesmo desonestidade de seus governantes e funcionários públicos. A seca aprofunda os crimes sociais e revela uma capital incapaz de dar as mínimas condições de sobrevivência aos retirantes, salvo pela abnegação de alguns de seus moradores.

A par dos acontecimentos de seu tempo, em escala nacional e mundial, o escritor em estudo detinha-se em observações minuciosas sobre os habitantes, paisagem e marcos físicos de seu cotidiano. A detalhada descrição de fortaleza de 1877 constrói-se como um inventário laborioso que sacrifica, muitas vezes, o literário. Sente-se, durante a leitura, a presença do narrador/reformador alerta aos problemas da cidade. A descrição cumpre o papel de formar a paisagem da cidade no imaginário do leitor e também de apontar para as reformas necessárias. Eis um exemplo: “A Fortaleza é uma cidade nova, reedificada sobre as ruínas da casaria de palha e de taipas depois da seca de 1845. Situada na costa, teria todas as vantagens das povoações marítimas se fosse servida de um bom porto” (TEÓFILO, 1979, p. 70). Grandes problemas urbanos como a inexistência de um porto adequado, que tanto marcou a cidade, até sua solução já na década de 1950, são arrolados juntamente com problemas menores como a “falta de estética” dos edifícios públicos “Alguns edifícios públicos isolados, como a assembleia provincial, o palácio do governo, o seminário episcopal, o tesouro provincial, a biblioteca pública, a escola normal mas todos ressentindo-se mais ou menos da falta de



estética” (TEÓFILO, 1979, p. 70).

Rodolfo Teófilo também usa a dicotomia campo/cidade para discorrer sobre a devassidão urbana, em contraste com a pureza do campo (sertão): “Antônia conhecia pouco a cidade, vivendo no seu sítio tranquilo, não imaginava a vida ruidosa e dissoluta das capitais, as mentiras galantes e torpezas dissimuladas” (TEÓFILO, 1979, p. 97). O livro *O campo e a cidade na história e na literatura*, do crítico inglês Raymond Williams, se volta para o contraste entre estes dois tipos básicos de comunidade humana na literatura inglesa do século XVI ao atual. O campo ora é visto como uma forma natural de vida, associado a valores como paz e inocência, ora como um lugar de atraso, ignorância e limitação. A cidade, ora como lugar de turbulência, corrupção e ambição, ora como centro de realizações e saber.

No romance em estudo, quase sempre se encontra a idealização do campo contrastada à crueldade e dissipação da ordem urbana, fundamentada no dinheiro e no lucro fácil, ou seja, quase sempre o campo funciona como crítica ao capitalismo. Na literatura inglesa, esse tipo de crítica resulta, muitas vezes, inócua, como aponta Raymond Williams (1989), porque, além de refugiar-se no recorrente mito de um irrecuperável “passado mais feliz”, propicia a alienação ou até a defesa de valores tradicionais. A idealização de uma economia rural mais “natural” ou “ética” escamoteia o fato de que a ordem social em que se praticava tal agricultura era de exploração absoluta. O campo fresco no qual o escritor busca refúgio para evadir-se ao burburinho e devassidão da vida urbana “não é o do agricultor e, sim, o do morador desocupado” (WILLIAMS, 1989, p. 70).

Voltando o olhar para *A Fome*, vê-se que as críticas à cidade seguem de perto esse padrão. Nenhuma explora com profundidade o verdadeiro tipo de relações entre o campo e a cidade. O campo, quando aparece, é ainda sob forma idealizada – refúgio verdejante e cheio de pureza. É de justiça afirmar, contudo, que essa visão idílica jamais serviu de refúgio ao escritor tratado.

A desilusão de Manuel de Freitas com a cidade, pela impossibilidade de nela encontrar qualquer solução para seus problemas, é ratificada, no final do romance, com o retorno dos sobreviventes ao sertão. Por Fortaleza, efetivamente desfilam todos os horrores trazidos pela seca: a fome, a miséria, a promiscuidade e a peste, no caso, a varíola. Tal situação piora devido à incompetência do poder público e à corrupção de seus funcionários. A integridade, n’*A Fome*, não se ausenta de todo, porque é resgatada



pelas figuras de Manuel de Freitas, padre Clemente, o médico, Carolina e Edmundo.

Fortaleza é a cidade desprovida de campanhas de vacinação e de quaisquer condições de assistência às vítimas assoladas pela varíola: “Muito críticas eram as circunstâncias de toda a província, quando uma calamidade doutra espécie veio aumentar com um enorme cortejo de padecimentos sua lastimosa situação. A varíola entrou traiçoeiramente em Fortaleza” (TEÓFILO, 1979, p. 153). Outro dado importante sobre a cidade é a denúncia e crítica à escravidão, o tráfico negreiro para o sul e a condição de vida dos escravos domésticos. Os personagens de dona Faustina e de seu marido, o traficante/comendador Prisco da Trindade, permitem essa crítica. Faustina, aliás, torna possível uma crítica social em vários níveis, pois, através dela, o narrador, além de deixar expostos os maus tratos aos escravos, desmascara a hipocrisia de uma sociedade que os “contos de réis fazem calar”. A ver:

Faustina punia as faltas dos escravos com castigos corporais, às vezes bárbaros e em completo desacordo com as práticas religiosas que diariamente exercia. [...] No círculo de suas relações, bastante largo pela posição e fortuna do marido, era considerada como parte de um todo, que por convenção chamou-se elite da sociedade. Tratavam-na com a distinção de que eram credores os contos de réis de Prisco (TEÓFILO, 1979, p. 61).

Nesse ponto, a narrativa tematiza a escravidão e os desmandos da elite de Fortaleza. É notável como o narrador traz à baila o período escravocrata. Poder-se dizer, inclusive, que é um dos relatos mais completos acerca do aludido tema. Poucos romances oitocentistas chegaram a descrever tão bem a escravidão no Brasil após a segunda metade do século XIX. O leitor, durante a obra, nota como o tráfico conduzia a escravidão e burlava as inúteis leis que tentavam por fim ao regime escravocrata brasileiro.

Com relação aos desmandos da elite, segundo Cardoso (2002), as facções políticas oligárquicas e as classes urbanas emergentes eram agentes:

[...] de imposição de uma violenta disciplina urbana, a reproduzir o consumismo de forma selvagem (promovendo relações de desigualdade entre os indivíduos), bem como concentrar poder político com mandonismo, violência física e atos ilícitos, nepóticos e clientelistas, característica das oligarquias brasileiras, ainda muito em voga no país (CARDOSO, 2002, p. 31).

As classes abastadas e os grupos oligárquicos, defensores da ideologia



civilizatória, baseada no progresso, tecnologia e ciência, queriam transformar a cidade de Fortaleza em um grande centro. Para tanto, defendiam o regime republicano, o modo de vida europeu e o conhecimento científico-tecnológico. Tais ideias servem como ponto de partida para uma forte disciplina urbana ocorrida em Fortaleza a partir da década de 1850, baseada no controle social das camadas baixas através da criação de asilos de mendicidade, reformatórios, abarcamentos e um lazareto. Policiais, políticos, comerciantes importantes e membros da elite contribuíram para a tentativa de efetivação do ajustamento social aos moldes das metrópoles industriais, ao mesmo tempo em que destruíam a cultura popular cearense.

Outro dado interessante da obra é o fato de que, neste momento, sistematiza-se a emigração para o Amazonas, que se manterá até as primeiras décadas do século. Portanto, nesse romance, Fortaleza é ainda a cidade que vê embarcar para o norte, em condições desumanas, milhares de retirantes:

Chegou a hora da separação. Quatrocentos retirantes de todas as idades marchavam em préstito para o porto da cidade. Era triste aquela procissão, como o desfilar de um enterro. Todos magros, macilentos e esfarrapados, davam ao cortejo a cor sombria da tristeza (TEÓFILO, 1979, p. 124).

Se num primeiro momento o Amazonas, novo ímã de riqueza no país, atraía apenas famílias pobres e analfabetas para a extração da borracha, depois de certo tempo o alvo passa a ser os intelectuais da classe média que, cansados da dura vida provinciana, sem dinheiro nem oportunidades, resolvem tentar a sorte em outra região. Vários jornalistas, literatos, funcionários públicos e estudantes cearenses recém-chegados na província, vindos da capital, embarcaram para o Norte, sendo o principal alvo a cidade de Manaus.

N'*A Fome*, a necessidade do autor em mostrar a importância de reformas na capital cearense fez com que o escritor descuidasse muitas vezes do estilo, pois o que lhe importava era a veracidade do que relatava, e esta, em sua época, não podia ser expressa desvinculada da Ciência. Daí o romance destacar-se entre as obras que retratam cenas terríveis de miséria, doença e morte, com base na exposição sem disfarce da realidade, para que se pudesse indicar e buscar soluções. A leitura da obra põe de manifesto um narrador que se apresenta como um defensor da causa comum do Nordeste:



O ano de 1878 seria calamitoso! A continuação do flagelo, contra a previsão de todos, teria consequências ainda mais desastrosas, se não caísse a situação conservadora e não fossem chamados os liberais ao poder. [...] Na Fortaleza, mais de cento e quarenta mil almas estavam abarracadas em roda da cidade (TEÓFILO, 1979, p. 90).

As críticas ao governo cearense eram incisivas, na medida em que esse não reconhecia os mais variados problemas existentes na província que exigiam medidas a curto prazo. A implantação da República, diferente do que havia defendido o escritor, veio legitimar as velhas oligarquias cearenses no poder e consagrar a vitória da irracionalidade, da incompetência e das práticas autoritárias e excludentes. José Olivenor Chaves, ao estudar o contexto da seca de 1877/80 em Fortaleza, analisa o conjunto de políticas públicas emergenciais adotadas pela elite local. De acordo com o estudioso, dentre as intervenções emergenciais e disciplinares do poder público e da imprensa local para o controle da população retirante presente na cidade, com base em teorias sociológicas e científicas, “A questão do trabalho surgirá como veículo da moralidade, da disciplina social e do progresso” (CHAVES, 1995, p. 90).

Associado ao momento de recuperação econômica local, a ideia de trabalho como regenerador é largamente difundida. As discussões são incorporadas desde o discurso oficial, às manifestações da elite comercial e ao movimento abolicionista nascente. A preocupação em oferecer ocupação e educação aos retirantes mobilizou a sociedade comercial da cidade de Fortaleza. Em abril de 1880, o governo da província criou uma colônia de trabalho agrícola em terras doadas pelo comerciante Luis Ribeiro da Cunha. A ideia era atender “à urgente necessidade de dar asilo, e a conveniente educação aos órfãos que as calamidades da seca e da peste, [...] deixou entregues à proteção do governo” (STUDART, 1986, p. 262). Em todos os exemplos citados, a ideia do trabalho regenerador está presente, seja para disciplinar retirantes, oferecer possibilidade de trabalho no interior da província ou para educar órfãos. Contudo, a forma pela qual é tratada a questão não evidencia mais do que ações violentas em busca de disciplina e ordem social.

Rodolfo Teófilo apreendeu e registrou as tensões sociais e transformações da cidade em sua obra, afinal participou ativamente dos processos por que passava sua região, seja integrando movimentos políticos e intelectuais ou encetando cruzadas solitárias, como no caso das vacinações contra varíola. Se vista como documento histórico, como testemunho de um tempo de injustiça e ignomínia, *A Fome* ganha uma



dimensão política sem tamanho. Pode-se concluir que, além do valor literário propriamente dito, atestado por mais de uma voz da crítica, Rodolfo Teófilo merece um resgate na História da Literatura, pelo valor histórico documental de sua obra, pela visão privilegiada dos eventos por ele testemunhados, pelo posicionamento firme com que se colocou contra as injustiças de seu tempo e por ser uma espécie de “iniciador” do que viria a ser conhecido por “literatura da seca”.

Abstract: *The Fome* of Rodolfo Teófilo is a file on the man and the cearense environment, especially about the terrible years of famine and migrations that destroyed the image of prosperity that had been set up since the 1860s, causing many social conflicts and enhancing the building of new parameters of social organization. The contemplation of the horrors of drought created in Rodolfo Teófilo, very knowledgeable in their region, and especially of natural and biological sciences, the writer.. Indeed, the major drought from 1877 to 1879, impressed a whole generation of young of the cearense urban middle class, explaining later the onset of droughts in the literature.

Keywords: Droughts in the literature; famine; migration; social problems.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, S. *Aspectos da literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/UFCE/PROED, 1982.
- BARROSO, G. *Memórias de Gustavo Barroso*. 2.^a ed. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989.
- CARDOSO, G. P. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto no Ceará, 2002.
- CASTELLO, J. A. *A Literatura Brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999.
- CHAVES, J. O. S. *Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879: o real de uma imaginação dominante*. Recife: Editora da UFP, 1995.
- COLARES, O. *Lembrados e Esquecidos IV: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979.
- MOISÉS, M. *História da Literatura Brasileira: Realismo e Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MONTENEGRO, A. *O romance cearense*. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953.
- PEREIRA, L. M. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília, INL, 1973, p.130.



POMPEU FILHO, T. *Ensaio estatístico do Ceará*. Fortaleza: Tipografia do jornal *A República*, 1893.

PONTE, S. R. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social 1860 – 1930*. 3. ed. [Fortaleza](#): Edições Demócrito Rocha, 2001.

TEÓFILO, R. *A Fome*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

STUDART, G. *Datas e fatos para a história do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.

SÜSSEKIND, F. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Recebido em 21/07/2012
Aprovado em 10/11/2012